



O Levante da Catação

T aunay na “Pequena História do Café no Brasil”¹, registra que o primeiro embarque de café realizado em 1616, pela Companhia das Índias Orientais, com destino à Holanda, proveio da região denominada à época de Levante, ou Grande Síria, território que englobava o atual País mais a Jordânia, Israel e a Palestina. Curiosamente, o Levante voltou ao momento histórico atual, em razão de se assemelhar ao território reivindicado pelo Estado Islâmico para a constituição de seu pretenso califado.

Se por um lado a conexão entre o Levante e o comércio de café possa ser historicamente estabelecido, a deficiência do levante (amento), no caso estatístico, da safra de café brasileira, por outro, teima em perdurar. Por dois anos consecutivos, 2014 e 2015, o Brasil embarcou rumo ao exterior quantidades recordes de café que quando acrescentadas ao consumo interno (estimativa de entidade privada provavelmente alavancada²) e a estimativa pública dos estoques de passagem (também bastante imprecisa), produz inconsis-

tência abissal frente a estimativa de produção.

O cadastro de estabelecimentos rurais, empregado no processo de amostragem estatística para a elaboração de estimativa da produção, provem do Censo Agropecuário de 2006. Após dez anos essa base defasou, amplificando desvios em qualquer tentativa metodologicamente consistente de constituição de amostra representativa dessa população³. Lamentavelmente, com o derretimento fiscal do Estado, a esperança de que um novo recenseamento seja brevemente conduzido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é nula.

Para além dessa deficiência de dados estatísticos, outro aspecto que poderia oferecer ajustamento mais preciso para a safra brasileira de café seria a contabilização da chamada catação. Com o avanço tecnológico/agronômico dos últimos 25 anos, lavouras em segunda metade da fase de formação (18 a 30 meses após o plantio) exibem catações em quantidades que, por vezes, superam a média de lavouras em fase de produção, especialmente quan-

do irrigadas. Tal constatação é mais efetiva para o conilon do que para o arábica, tendo em vista o salto de produtividade obtido a partir dos sistemas de produção com emprego das variedades clonais.

Esforço em calcular subjetivamente a quantidade oriunda da catação foi conduzido a partir dos dados finais da previsão de safra 2015/16 da CONAB⁴. Pelo relatório apresentado havia no País 324.205 ha de lavouras em formação, repartidos entre 287.109 de arábica e 37.096 de conilon.

Considerando como primeiro critério⁵ que 40% dessa área encontra-se na etapa mais adiantada da formação, ou seja, entre 18 a 30 meses do plantio, pode-se extrair área provável ocupada por lavouras nesse perfil. Ademais, como segundo critério, pode-se imputar, tanto para arábica quanto para conilon, percentuais para o manejo agrônomo da irrigação. Adotados esses critérios, obteve-se que a área em formação das lavouras entre 18 a 30 meses cultivadas sob sequeiro somariam área de 98.721ha sendo outros 30.960ha cultivados sob irrigação (Tabela 1).

TABELA 1 – Estimativa de área em formação, lavouras entre 18 e 30 meses, arábica e conilon, Brasil, 2015

Item	Em formação	Lavouras (18 a 30 meses) 40% da área	Manejo agrônômico ⁶	
			Sequeiro	Irrigado
Arábica (BR)	287.109	114.843	Sequeiro 85%	Irrigado 15%
			97.616	17.226
Conilon (ES+BA)	30.192	12.077	Sequeiro 0%	Irrigado 100%
			-.-	12.077
Conilon (RO)	6.904	2.762	Sequeiro 40%	Irrigado 60%
			1.105	1.657

Fonte: Previsão e estimativa de safra cafeeira, 4º Levantamento, CONAB 2015.

Para o caso do conilon entendeu-se apropriado segmentar essa lavoura em dois grupos. O primeiro, mais tecnologicamente avançado, estabelecido no norte capixaba e sul da Bahia e o segundo, relativamente menos evoluído, na Amazônia rondoniense.

Ademais, adotou-se menor cobertura para a irrigação para o cinturão rondoniense em razão do clima tipicamente amazônico com grande incidência de precipitações bem distribuídas ao longo do ano.

De posse das estimativas de área e de manejo, partiu-se

para a simulação de produção a partir de dois cenários para a produtividade: A (pessimista) e B (otimista), mantendo o critério de manejo agrônômico de condução sob sequeiro ou irrigado (Tabela 2).

Pelas estimativas obtidas a catação das lavouras entre 18 a

TABELA 2 – Estimativa subjetiva de catação, lavouras entre 18 e 30 meses, arábica e conilon, Brasil, 2015

Item	Produtividade: lavouras entre 18 a 30 meses			
	Sequeiro (cenário A e B – sc/ha)		Irrigado (cenário A e B – sc/ha)	
Arábica (BR)	A: 10	B: 20	A: 30	B: 40
	976.160 sc	1.952.320 sc	516.780 sc	689.040 sc
Conilon (ES+BA)	-.-	-.-	A: 45	B: 65
	-.-	-.-	543.465 sc	785.005 sc
Conilon (RO)	A: 10	B: 15	A: 15	B: 30
	11.050 sc	16.575 sc	24.855 sc	49.710 sc

Fonte: Elaborada a partir de estimativa de área e subjetiva de produtividade.

30 meses em arábica sequeiro podem oscilar entre 976 mil e 1,95 milhão de sacas de café beneficiado apenas para a safra 2015/16. Para a mesma variedade, porém sob manejo irrigado, a catação alcançaria entre 517 e 689 mil sacas. Totalizando a catação obtida em

arábica e conilon sob o manejo de sequeiro e irrigado, seriam acrescentados à produção 2,07 milhões sacas no cenário pessimista (A). Por sua vez, no cenário otimista (B), a catação de lavouras em sequeiro e irrigadas poderia render até 3,49 milhões de sacas (Tabela 3).

Provavelmente, a produção real oriunda da catação em 2015/16 deve situar-se entre os dois números estimados. A previsão efetuada concentrou-se na última safra apenas, que casualmente foi a que maior área em formação exibiu na atual década. Portanto, para

TABELA 3 – Incremento da produção a partir da estimativa subjetiva da catação, lavouras entre 18 e 30 meses, arábica e conilon, Brasil, 2015

em sacas					
Item	Sequeiro		Irrigado		Total
Hipótese A	987.210	--	1.085.100	--	2.072.310
Hipótese B	--	1.968.895	--	1.523.755	3.492.650

Fonte: Elaborada a partir de estimativa de área e subjetiva de produtividade.

as safras passadas o intervalo entre os cenários deve posicionar-se em patamares inferiores ao obtido nessa simulação.

O avanço tecnológico observado no manejo agrônômico das lavouras de café exige que se reveja o modo como se

constroem as estimativas de produção. Desprezar a quantidade colhida oriunda da catação obtida em lavouras em fase adiantada da formação, aparentemente, consiste em falha que pode ser corrigida a partir da agregação de mais

uma pergunta na enquete aos cafeicultores ou, alternativamente, passar-se a considerar lavouras comerciais todas aquelas com mais de 18 meses de plantio agregando à produção comercial aquela oriunda da catação. 

¹ TAUNAY, Affonso de E. Pequena História do Café no Brasil (1727-1940). Instituto Brasileiro do Café, 1943. 480p.

² Ao menos a estimativa de consumo nas propriedades produtoras de café avaliada, pela entidade que a produz, em um milhão de sacas, pode conter entre 600 a 800 mil sacas de sobrestimativa, conforme já se averiguou a partir de recenseamento realizado para o caso paulista.

³ A Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Estado de Minas Gerais em parceria com a Universidade Federal de Lavras (UFLA) iniciou, em 2015, projeto de georreferenciamento da cafeicultura estadual. Convém salientar que o ajuste da área que será obtido pela técnica carece ainda de visitas de campo para mensuração da produtividade. Detalhes em: <http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Cafe/noticia/2015/06/mg-investira-r-5-mi-em-georreferenciamento-de-parque-cafeeiro.html> > Acesso em 04/01/2016.

⁴ Relatório disponível em: http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_12_17_09_02_47_boletim_café_dezembro_2015_2.pdf > Acesso em 04/01/2016.

⁵ Todo critério é arbitrário, portanto, passível de contestação a partir de perspectivas alternativas. Como enfatizado, trata-se de esforço subjetivo com intuito de aprimoramento da estatística de produção.

⁶ O objetivo em estratificar a elaboração da estimativa, orientou-se no sentido de produzir aproximações mais reais, embora a subjetividade do método permaneça como principal limitação.

Celso Luis Rodrigues Vegro, é Eng. Agr., M.S., Pesquisador Científico do IEA
celvegro@iea.sp.gov.br

Eduardo Heron Santos, é Cientista da Computação, Diretor Técnico do CECAFE
eduardo@cecafe.com.br